

# ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL  
Empreza do jornal O SECULO

José Joubert Chaves  
EDITOR

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida  
com o endereço ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA—LISBOA

# PORTUGUEZA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, zincographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 9 DE NOVEMBRO DE 1903

NUMERO 1



VISITA DE SUA MAGESTADE A RAINHA SR.<sup>a</sup> D. AMELIA AO SANATORIO DE CARCAVELLOS EM 22 DE OUTUBRO ULTIMO. A DISTRIBUICAO DE BRINQUEDOS AS CRIANCAS EM TRATAMENTO NO MESMO SANATORIO

9670

# CHRONICA

## A revista da Revista

O Ancestral Augusto, feito d'immaterialidade e de gloria, ordenou certa vez a um astro, eterno gerador de luz, victorioso e fixo, que se apagasse por momentos, pois, na treva, o Ancestral queria operar. E o astro, chocado na sua dignidade de soberano e de clarificador d'outros astros, chorou uma lagrima caldada, que veio veloz e brilhante, com estrondo e com desespero, rodar no cahos. Assim se formou a terra, por um capricho do Ancestral Augusto, que na tarefa levou seis dias e ao setimo descançou.

Então, fosse como fosse, o homem appareceu, d'elle saltiu a mulher, sua companheira, que, ao vêr-se nas aguas mais bella do que o vigoroso Adão, mais fina, mais gracil, com pellos sedosos, enquanto os d'elle eram crespos, se tornou vaidosa e lhe gerou ciúmes.

Ella, com o seu andar requebrado e com o seu riso, lá vêr-se sempre n'essas aguas onde assomavam flores formando a moldura ao primeiro espelho inventado pelo instincto feminino.

Andava em sobresalto o coração do primeiro homem, que devia ter manhas de fauno e a sua força; entrava a aprender rugidos com os leões nos bosques para a intimidar á noite na caverna, moia-se com o primeiro dissabor d'alma e conjugal, calcando com as venerandas plantas a terra que era sua. E na furia de saber o que ella amava tanto n'essa ri beira clara, ensaiava com o tigre o passo miúdo, com a serpente o rastejar, com a raposa a esperteza, cerrava as palpebras pelludas a occultar os olhos redondos e luminosos e deixava-se ficar a seismar na sombra d'um mattagal de boabs gigantescos, vaidosos e andazes, que cresciam para o retiro do Ancestral Augusto, como para o verem de perto.

Era n'um dia, d'esses primeiros dias do mundo, e o sol vingativo resplandecia e incendiava, mandava as suas gotas de luz á terra como para a abraçar, para a destruir, jurando nunca mais chorar, após a obra de vindicta, para que outro planeta não nascesse. Ainda, ás vezes, elle manda a outros que temem a tarefa, São seus agentes os acrolithos, as chuvas de fogo, os raios e os conquistadores.

Meditava pois Adão, na calma, a aparar com os dentes, agudos e em lauca, um pedaço de coria arvore rija do que faria uma arma, a mais rude, mas a unica necessaria n'esses primeiros dias do mundo, quando ainda não havia exercitos e só feras.

Mas, de repente, erguia-se e ia cauteloso e encolhido, em passos miúdos, velho e curioso, por entre a herva tão alta como as arvores de hoje, aproveitar a Eva, que devia estar junto ao rio a mirar-se nas aguas, embevecida, admirada e cabelluda, aprendendo o primeiro olhar falso para ludibriar o marido á noite no aconchego da rocha.

Elle vin-a, deixou-a continuar e encolheu-se; mirrou-se mal reparando n'um pachyderme colossal e branco, d'olhos obliquos, que passava lento, foi a rastejar, tremendo de commoção, com a sua arma aguçada, a surpreender a mulher.

Vin-a nua e grande, sã, de mamillos fartos e tranças fulvas, gloriosa, a ser queimada na luz forte do sol, que escachava os fructos e seccava os riachos.

Comprehendeu tudo, o pobre Adão, surpreendeu-a a olhar-se nas aguas... Queria enganar-o!... Então, abafou um grido, pôa a descoberto a dentadura solida, ao arreganhar as maxillas duras e ferozes.

E' que o corpo d'Eva, fino, branco e são, os mamillos rijos e as pernas nervosas, tudo isso se desenhava no chão, na terra, n'uma miragem, n'um prolongamento! Era a sombra que se alongava! Veiu então uma ideia ao primeiro homem de tomar a outra, essa sombra, de a guardar para si no fundo da caverna, sem lhe mostrar os rios que geravam a vaidade e as flores que excitavam a espalharem perfumos.

Ao cerebro pèrro d'Adão acudiu um desejo: o de fazer por sua vez uma mulher.

Mais cauteloso do que nunca, avançou, com a sua arma, contornou bem a Sombra que se desenhava na terra, vin-a fundo, não lhe perdeu uma linha, arredondou-a no traço que se chapava na terra; fez um perfil e fez uma obra.

Riu, riu então, n'uma gargalhada grossa, que imitava berros de chacnes. Ella voltou-se, lançou-lhe o olhar falso que ensaiara nas aguas; porém Adão, levando o indicador forte á palpebra inferior, dilatando o olho, maganão e sarcástico, mostrou-lhe o seu trabalho.

Era outra, era a nova companheira que elle escolhera.

Eva fugiu aterrorisada e a sombra acompanhou-a como um inimigo feroz em enxada de morte. O primeiro homem olhava o solo barrento onde conseguira contornar o perfil da companheira...

Viu então a inutilidade da obra. Aquillo não teria vida... Mas creara o primeiro desenho, reproduzira a primeira imagem, na primeira camada da terra!

Sabe-se que n'essa noite, elle a abraçou mais na caverna; ouviram-se rugidos e beijos que eram mordeduras, as feras aproximaram-se como a saudarem esse noivado de reconciliação, e o vento, passando nos cannaviaes, formava a primeira musica.

Dahi por nove mezes nascia Caím, o peccador... Era o filho de um olhar falso aprendido n'um rio onde os crocodilos viviam e d'uma coroa rude, a coroa do primeiro homem ao vêr-se incapaz de egualar Deus formando um ser na argilla molle, moldando-o e recortando-o no perfil, na sombra da primeira mulher!

E, por isso, Caím teve a inveja e teve a perfidia!...

Mas o que Adão julgara uma inutilidade, essa sombra seguida com a ponta de um aguçado madeiro e que ficara gravada na argilla paradisíaca, não o foi!

O desenho tornou-se uma arte pelos tempos fôra, reproduziu tudo, applicou-se a tudo, ao jornal e ao livro, por fim á revista que veio completar o periodico.

Por isso o *Seculo*, que sempre tem desenvolvido em Portugal a arte e o gosto, sentiu a necessidade de se completar com a *Illustração*, n'um largo trabalho, cujo fim é o mais bello e o mais util.

A arte de hoje, manifestamente superior, tudo alcança e tudo reproduz, com ella se fabrica o album das grandes festas e dos casos triviaes, que irão aproveitar tanto aos homens de hoje como ás gerações vindouras.

No Paraizo, Adão, creando o primeiro desenho, mal podia adivinhar o futuro d'elle, d'esse traçado que iniciou a arte pela qual se mostram os povos em todas as suas manifestações, na guerra como na paz, se mostram os homens na faina como no descanço, o rostosinho gaiato de Yvette Guilbert, como os carranados focinhos de Bismarck, indicando as successivas marchas d'esse mundo, formado pela lagrima caldada do astro ás ordens do Ancestral, o unico que não se pode reproduzir, porque, vivendo tanto nos espaços como na terra, tanto nas

aguas como no fogo, é immaterial mas forte, o Ancestral que tudo anima, o Espirito que é o motor de todas as revelações, de todas as grandes obras!

ROCHA MARTINS.



QUELJMANE.—RUA DE S. DOMINGOS



O PRINCEPE HOHENLOHE NA MADEIRA — O PRINCEPE E OS SEUS CONVIVAS DO LUNCH EM CASA DO VISCONDE DE CAÇANGO

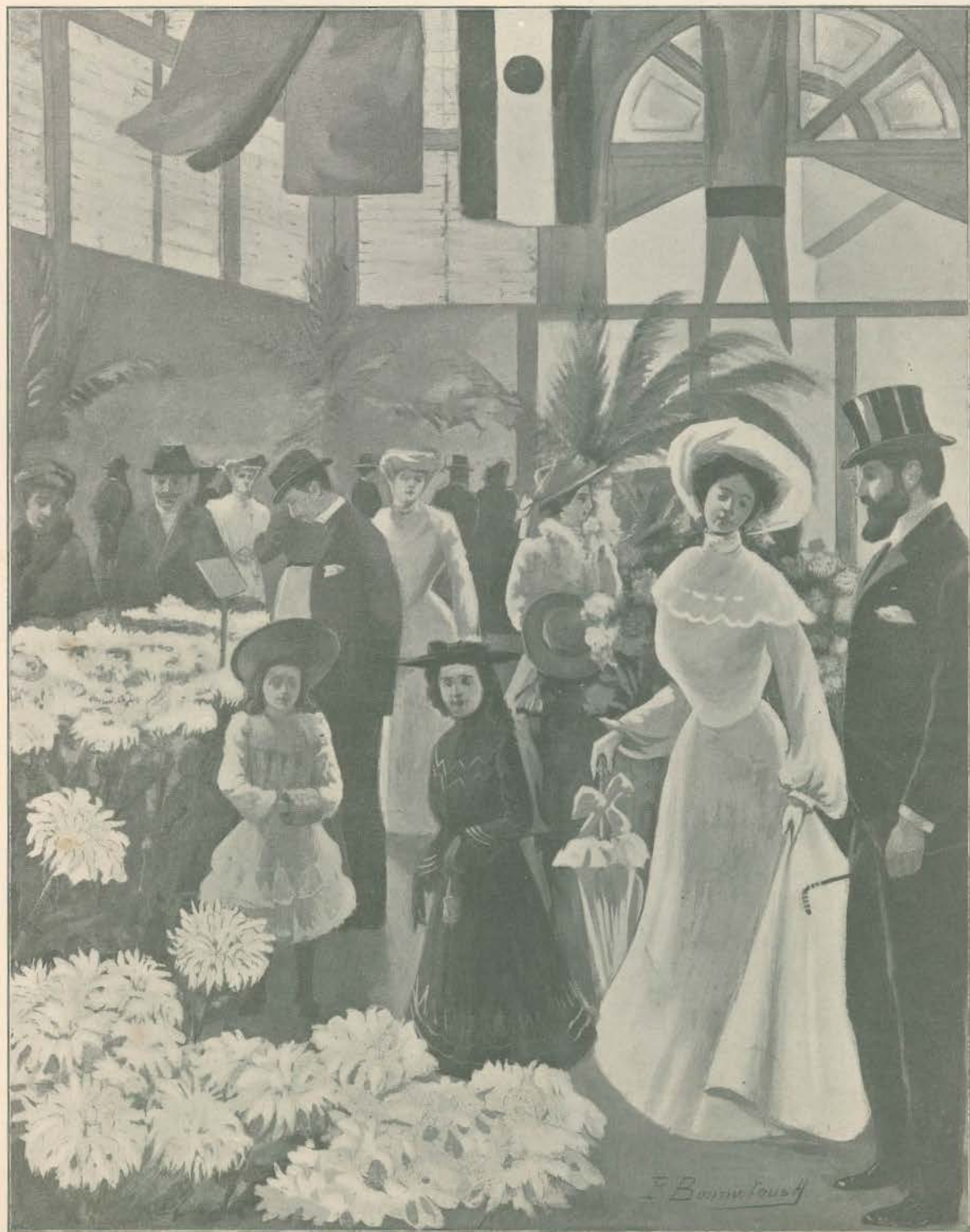
1.º, Capitão Von Hottelitz.—2.º, D. Alfeu Leitão.—3.º, madame Panerwitz.—4.º, miss B. Frankel.—5.º, dr. Hoffmann.—6.º, o sr. M. Gonçalves.—7.º, Alvaro Leitão.—8.º, dr. Antonio de Lencastre.—9.º, prof. Panerwitz.—10.º, viscondessa de Caçango e sobrinha.—11.º, comm. Pedro Leitão.—12.º, Oscar Reditz.—13.º, José Ribeiro da Cunha.—14.º, S. A. o principe de Hohenzollern.—15.º, prof. Frankel.—16.º, visconde de Caçango.—1.º, miss Fr. M. Frankel.



A SAHIDA DA FAMILIA REAL DAS EXEQUIAS REALISADAS POR ALMA DE D. LUIZ I, EM 19 DE OUTUBRO



UMA PARTIDA DE LAW-TENNIS NOS JARDINS DO SPORTS-CLUB DE CASCAES, NA QUAL TOMOU PARTE S. M. REBEL. UM GRUPO DE SOCOS ASSISTENDO AO JOGO



AS FLORES D'OUTONO — INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO DE CHRYSANTHEMOS NO PAVILHÃO DA REAL SOCIEDADE DE HORTICULTURA EM 25 D'OUTUBRO



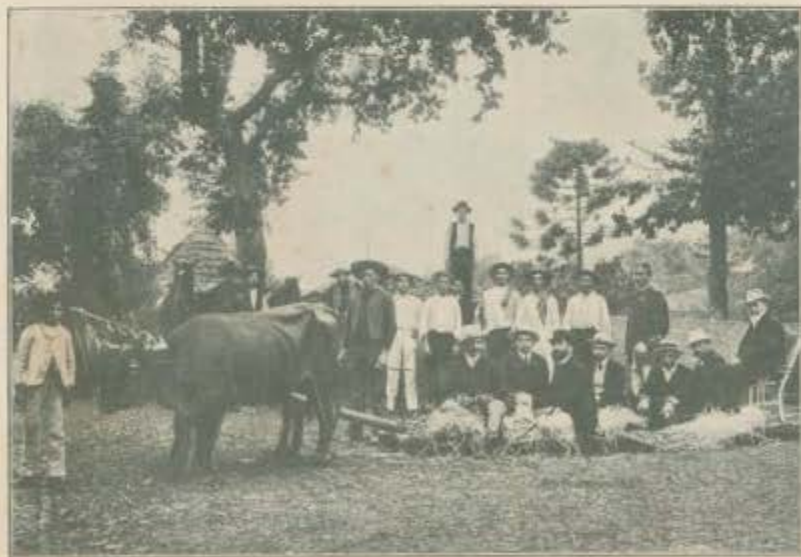
UM ASPECTO DA ÚLTIMA REGATA D'AMADORES EM PEDRÓGOS, PROMOVIDA POR ALGUNS SOCIOS DO REAL CLUB NAVAL, E NA QUAL SAHIRAM VENCEDORAS AS CASOAS «AGUIA» E «VAE», AS ESPICHAS «LER DO DIA» E «ATLETA» E O CATRAIO «SURPREZA»



EM ALGUMS NOS JARDINS DO VILA VELHA DE CASIMIRO



PISO DO ARRIVEDO A BARRAGEM A S.R. M.B. POR OCCASÃO DO ALUGO



FIGUEIRAS MATEUSOS — UMA CARRADA DO RECURSO DA CANAÇA



A PARTIDA DE FARA DO SINCOS DE CASIMIRO

MISSÃO DE ESTUDO DO PRINCEPE ROSENLOHE A MADEIRA, PARA A FUNDAÇÃO DUM SANATORIO



PHOTOGRAPHIA DE CAMACHO

EL-REI

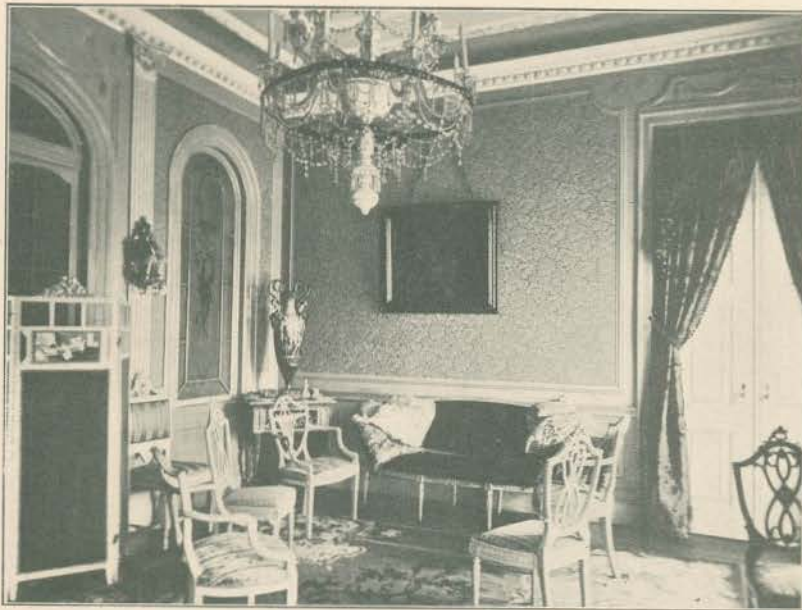


## HABITAÇÕES ARTÍSTICAS

### Digressões e visitas

#### A casa de Augusto Rosa

—É preciso estimular o gosto do nosso publico, faz-o sentir as provocantes belezas de uma habitação confortavel, bem mobilada, com o seu imprescindivel trazo artistico—diziamos a nosso amigo.



A SALA

—E proseguin, narrando:—

—Em Paris, o esboço de uma simples *concierge* tem mais luxo, talvez fatididades fragoís do mobiliario, do que alguns palacios da nossa terra. A casa portugueza encerra apenas meia duzia de moveis avulhados, resistindo, como imperiosas reliquias, á dormentadora e inclemente acção do tempo: nas paredes olographias de equívoca intenção, e o restante são salões desertos, aridos desvãos, e, quando muito, um ou outro vaso onde cresce uma impertinente nespereira, o arbusto predilecto dos solhões e das idyllicas aguas-friadas.

—As predilecções por estylos antigos, pelo *biblot*, sem referirmos já o vicio do *bric-a-brac*, nunca em Portugal floriram, áparto um ou outro cultor de requintado gosto, que tornou o seu lar um paraíso d'arte: um ou outro colleccionador de preciosidades raras; um ou outro egoista excentrico—segundo a denominação da turba—que vá diariamente organisando a devoção das suas salas, pelo prazer de se sentir maravilhado com tanta devoção, ou pela exhibitiva ania de deslumbrar nas recepções.

—Foi «para estimular o gosto do nosso publico», como dizia o nosso amigo, que iniciámos esta secção.

*Digressões e visitas* serão as nossas, pelas habitações artisticas que ainda ha em Portugal, pelos Museus e regios palacios, por toda a parte onde a deusa Arte tenha imposto o seu dominio e armado os seus arraiaes.

A primeira casa, magnifica installação, pomposamente artistica, que visitámos, foi allí no Campo do Sant'Anna, o palacete propriedade da casa Valmor, onde vivem o grande actor Augusto Rosa e sua esposa.

A nossa visita foz-se por uma manhã ensuoadada, por uma d'estas frias manhãs de inverno, molhadas e tristes. O palacete, de fachada paulatina, grave, abre para o Mercado. São horas de levantar a *feira*: e os vendilhões, sob os alpendres, n'uma festiva algazarra—de quem tem a tarifa d'aquelle dia terminada—vão fazendo as despedidas. Começam a emigrar.

Abressa o portão, e estamos no vestibulo de entrada. E logo nossos olhos defrontam com uma estatua em mármore, sobre a sua penha alta, resultando o harmonico da figura do fundo *gravel* d'um cortinado de veludo.

À direita uma tela ampla, em que as duas figuras de um compen tem um colorido impeccavel—escola de Rubens.

Analysamola: é uma mulher esbosa, com marcados vestigios d'uma triumphal belleza no rosto, que começa

a envolver-se. E ha na sua bocca toda em rugas o cantoloso ar do quem insinua a moutra. Uma campona esbosa, tímida e envergonhada, e o seu perfil de rapariga pubere diz hesitação e desconfiança. De pé, sobre o relevado d'um monte a pique, resulta da symphonica colorida do quadro esta sentença: um sin, e a rapariga despenha-se no abysmo, porque é a sua virgindade, a belleza palpitante do seu corpo que a vella ambiciona.

Mas prendo-nos ainda a attenção a estatua.

Uma Deusa egypcia, que se exhibe nua, encobrida

—Enganára-se. Esto é o original.

Prosequimos na vista. Galga-se uma pequena escada, e entra-se n'un corredor embebado n'uma penumbra melancolica. Na parede ha um *panneau* de Augusto Pina, e eis-nos n'um dos gabinetes do palacete. É uma sala de conjunto harmonico, triste de luz porque era triste o dia da fóra, onde o grande actor portuguez tem algumas preciosidades d'um alto valor decorativo.

Perfo da janella, n'um cavalleto, um quadro da escola raphaelita: assumpto d'um mysticismo unctoso. Lindo de cor, dir-se-hia um esmalte. Sob um doce!—colcha da India pintada—o piano de cauda, um Erard, e pelas paredes pannels hollandezes, Luiz XV, tratando assumptos rusticos. Dois espelhos D. João V. evocam-nos esse curioso periodo de sedução e de galanteo dissipadores. Talvez n'alguim d'elles a Madro Paula tivesse composto os cachos da sua cabelleira negra de trigoira—em horas de dandysmo, em Oliveira. —Sobre um tremó—Luiz XV—preciosidades de Sèvres, Saxo e China, sem excessos de *bric-a-brac*: a sobriedade que valorisa e dá esse encantador tom de simplicidade. Continua a esta, fica a sala de estylo do artista.

Allí apprehendemos as suas predilecções litterarias: livros de theatro, peças, diarios de artistas dramaticos; e, sobre a mesa—um buffete magnifico que pertence a el-rei D. Fernando—as photographias de alguns celeberrimos actores e actrices.

Sarah, n'uma photographia, trajando a vestio *Machbeth*, escreve, em dedicatória: «En attendant une plus belle, avec toute amitié». Vico—o artista hespanhol—inolvidable recordo de fraternal amizade a mi querido Augusto Rosa. Outros livros dispersos, e um original candieiro D. João V, cujo pé é rendado. Sobre o armario, orgue-se um busto em bronze, de Molière, «ce grand génie de France», e, em volta, outros retratos de artistas estrangeiros egualmente com dedicatorias.

Novelli escreveu: «A Augusto Rosa, fratramente».

Duse: «A Augusto Rosa, ricordo».

Sarah Bernhardt, cumprindo a sua promessa, offerve a sua esbelta *Princesse Lothaine*, de Rostand: «A Augusto Rosa, le grand artiste portugais, sa camarade francoise qui lui donne toute son amitié». Zaccani: «Al grande attore Augusto Rosa, affectuosamente». Jane Harding: «Au grand Augusto Rosa, admiration et sympathie de sa camarade». Réjane: «A' mon illustre camarade et ami, souvenir affectueux».

Fernando Diaz de Mendonza, o artista hespanhol, o marido da Guerrero, escreveu: «Al ilustre artista Augusto Rosa: el otro de los dos hombres mas sympathicos del mundo: recuerdo cariñoso de su buen amigo. Fernando Diaz de Mendonza». E esse el otro indica a João Rosa. Por sua vez, a Guerrero offerve ao grande actor a seguinte dedicatória: «Al grand artista y simpatissimo amigo Augusto Rosa, Maria Guerrero». E por ultimo, o lillo de Coquelin, muito fervente: «A Mr. Augusto Rosa, son petit camarade qui espère se dire son grand ami, Jean Coquelin».

Este gabinete tem duas janellas abrindo sobre o jardim, onde o artista cultiva lindos exemplares de chrysantemos, e onde, mal Março desputa, uma enorme trepadeira florece em cachos de glycinia—um exemplar raro.

parte do corpo com o emplumado casto d'uma aza. Manini viu a estatua no atelier do esculptor, Luigi Pagnani, em Milão; e, quando entrando um dia em casa do Augusto Rosa viu essa figura ideal, julgou-a uma exacta reprodução. Augusto Rosa, que nos narrou o transe, explicou-nos:



A SALA DE JANTAR

Defronte das janelas, no gabinete de estudo, que recorda toda uma vida artistica, as suas horas de triumpho e de consagração, ergue-se um alto armario hollandez, sobrio, com ferragens, e a portada abridora por meio de um ferrolio característico.

E aqui começa a surpresa de obras d'arte, a infinidade de quadros, a preciosa gamma das cores, recordações de familia, tudo com accentuado trazo d'arte enlevada, acolhedora, provocante. Sobre uma cadeira ostrase uma casaca Luiz XVI, toda em bordaria fina e lantejoulada.

Mas façamos a narração dos quadros: Anunciação dá uma paisagem de perspectivas exactas, depois um quadro de Alfredo Keil, um outro de Jacque — que pertence á galeria Dampias, tendo ainda o seu numero — 104 — do catalogo do illustre colleccionador; duas cabecas de carneiro, de Anunciação; e um flagrante retrato de Rosa pae, de Tony Bergue, datado de 1854; Hadon dá uma *Luzia de gigantes*; e de surpresa colhemos uma bella impressão olhando um quadro antigo, de auctor desconhecido, representando o outono — a vindima.

Augusto Rosa tem uma gravura Luiz XV representando a reprodução d'esse quadro, de inequalivel valia; mas, como o original, não tem a menor referencia ou assignatura.

No recanto de uma das janellas, sobre um contador de 1600 levanta-se uma *triline* e dentro d'ella, em moldura, para um retrato do artista no *Amigo Fritz*, a reprodução minuciosa, em barro, pelo genio de Raphael Bordallo, das figuras principais da vasta galeria de tipos do theatro de Augusto Rosa: No *Cesar de Bataia*, no sargento da *Prisla Viarinho*, no Beltrão do *Alcega Kibir*, no Simão Pires do *Afonso VI*, no Judas dos *Machados*, no Alvaro Vaz d'Almada do *Regoite* e no rabo dos *Crifidados*. E essas figuretas como que se movem, vivem a personagem, agitam-se no grotesco dos seus tipos, como o artista as interpretou no tablado.

Coquelleu, depois de ter referido a sua admiracão, dignificando-se ao grande caricaturista, disse-lhe:

— Quero um equal... E' uma maravilha!...

Mas outros quadros decoram as paredes. E, assim, vemos um primoroso quadrinho com barboletas, de um delicioso colorido, original e extranho, de Van-K-Kessel; outra tela de Clara Petras, uma mancha-estrela, de Columblano; sobre um cavalleto o retrato á penna, correctissimo de desenho — de Rosa pae, que o pintor Ramalho enviou para a *Illustração Moderna* de Marliano Pina e que o irmão do eximio chronista offereceu a Augusto e a João Rosa.

Mas outros artistas offerecem ao grande actor as mais lisongueiras referencias, como Coquelleu: «A' meu ami», e Maria Favar, uma primeira actris da Comedie Française, que representou, ainda com Momet Souly, o theatro de Hugo e a tragedia grega, mas que sentiado-se envelhecer soube retirar-se a tempo: «Souvenir affectueux, et merci pour la charmante hospitalité».

Outros quadros nos prendem a attenção: um quadro de paisagem de Silva Porto, dois curiosos desenhos, originaes de Grevin; uma aguarela de Anunciação; pela campina varrida de mortada, onde os velhos troncos brancam, afflictivamente contorcidos, arrastados um cavallo miser, talvez como o da allegoria de Filinto. Le Faivre tem duas aguarellas tambem, sendo um primor

de movimento e colorido: *Os borrhachos*; algumas composições de Wattenau gravadas por Moyreau, uma aguarella do scenographo Manini e um extranho pastel de Boucher, duas figuras dando de comer a um cyano, completam a decoracão de uma das paredes. Insignificamente, alli vive-se uma vida intensa d'arte, reforçada n'uma melodia extrema de colorido, no minimo pormenor, na mais delicada minueia.



AUGUSTO ROSA NO SEU JARDIM

Ornam e gabinete algumas cadeiras de couro, de espadalar alto, D. João V, um busto em marmore, aquillo peill do Dante, cantor do maior *Desespero*, e sobre um outro contador de ferragens douradas dois *patish*, do Delphi.

Por sobre o famoso armario negro, hollandez, um retrato: Lupi firmas, Augusto Rosa, o artista, ainda in-

berbe, na sua mocidade promissora, e que tão gloriosamente fructificou.

Ha ainda dois medalhões, um do grande tragico Italiano Rossi, moldado por Rosa pae, e o d'outro por Victor Bastos. Este ultimo medalhão foi offerecido aquelle artista por um grupo de admiradores, artistas tambem, ainda que de outras profissões: Christino, José Rodrigues, Anunciação, Sousa, J. A. Marques e Metras.

E, pois, n'este gabinete, tudo o attesta, que Augusto Rosa trabalha, onde vive a sua intensa vida de actor, cuidando da personagem que lhe foi entregue, alli, n'aquella intimidade amiga, onde não chegam gritos de color, nem trunfos d'ambição, e o menor objecto refere uma saudade intensa, recorda um periodo extinto, n'essa suggestiva vida das coisas, que odio algum macula, que interesse algum desperta. Alli, espirito tranquillo, pensa e reflecte os tipos a crear, as inflexões, os gestos, desde o surgir da personagem até á synthese perfeita e completa de uma creatura viva e autonoma.

Os minimos trances da vida artistica alli se compillam e reumem, e n'uma dolorosa evocação surgem figuras extinctas, mortos illustres, noites do jubilo, tal a intensidade enterecida que cada objecto recorda e integra.

E ainda o artista, em todas as expressões da sua vida, do seu sentimento, no collocar d'um jarrao, no agrupamento dos quadros, na disposição de uma estatueta.

Mas Augusto Rosa arranca-nos á nossa extasiada contemplação, e outras salas excitam a nossa curiosidade.

Agora é um salão Luiz XVI, todo em seda amarella e azul, e um quadro attribuido a Rubens, onde uma esplendente figura de mulher, no linha sensual e quente do dorso, fixa uma encantadora attitudo. O quadro *As nymphas despidio Calisto* é uma repetição d'outro que existe no Museu de Madrid.

E Augusto Rosa diz-nos: — Tenho como sendo de Rubens. Meu pai assim o julgava tambem...

Solve o fogão, entre as janellas, dois candelabros de prata, da epoca, e um relógio de marmore com ferragens de ouro, sobre o qual ha o busto de Luiz XVI. Ainda potes do Japão, candelabros, que pertencem á collecção de um dour Machado d'Éca. Um jarrao — majolica italiana — completa, com um biombo delicado e leve, a decoracão da sala.

A sala de jantar, com o seu rodapé alto de madeira, é outro precioso recanto do lar do actor portuguez; Magnificas cadeiras do sola, e um armario de pau santo, pesado mas elegante, pertencente anti'ora ao convento de Santa Joanna, sorve de guarda longa. N'uma das paredes suspende-se um quadro de Salvador Rosa, que é a effigie de todos os que tosam a honra de visitar a casa de Augusto Rosa. Ainda algumas falanças Italianas, e, abridosso uma porta lateral, está-se no quarto de cama do artista.

O leito é uma valiosa recordação historica, que pertencem a um dos bastardos de D. João V — ao cardeal D. Gaspar, arcebispo de Braga. Na cabeceira do leito estão entalhados uma coroa real e o barrete cardinalicio.

E o nosso espirito evoca esse periodo de mysticismo e



A LEITURA DO «SÉCULO»



UMA ANTICARIANA

de Ilfortinagene; D. Gaspar, filho de D. João V e d'uma festa d'Olivellas, Margruda Maxima, prendendo a historia biographica d'este bastardo com a do seu trahido, ou *Novena de Pulchra*; D. Antonio e D. José — o Inquisidor, filho da Madre Paula. Período todo desvelado no livro da corte de Luiz XIV, em Versalhes, no Petit

endo Augusto Rosa e sua esposa vivem, que a abriga, a sua a'escuela all' morar, acoutados em todos os diellos da arte, que aquellas salas confortadas onde transporem o seuo raro de um artista eleito e o seuo gosto e o elevado espirito de uma senhora cujos primores de educaçao estão flagrantemente documentados.



ROSA NO SEU HABITATE DE TRABALHO

Trinon; a Madre Paula, alitta e triumphante como a Montepan, o prestigio, a dissimulaçao, a vagabundagem matura do pai da Comedia para as alforças de Bem-Bem, o amor, as trahicoes, os duellos, os arditos, a graça berrada.

E de novo o novo pensamento de fora de dentro, e apenas nos fica no espirito, ao transpôr o portão do palacete

Aquella interior do artista é talvez a melhor autobiographia de Augusto Rosa: o seu grande talento, o seu raro senso esthetico, o seu caracter exhibem-se filigranadamente.

SANTOS TAVARES.

## A NOVA VERAÇÃO DE LISBOA

ELEITA NO 1.º DE NOVEMBRO

CONSELHEIRO DR. ANTONIO  
D'ARVEJO CASTELLO BRANCO  
(presidente)

CONDE DE BISTELLO



SABINO DE SOUSA



SABINO CORREIA



THEODORO PIATO SANTOS



JOÃO FERREIRA DA SILVA

CONSELHEIRO BENEZQUE  
MATHIAS DOS SANTOSCONSELHEIRO CARLOS  
DE CARVALHO PENHA

VICTORINO VAZ JUNIOR



JOSE DA COSTA BELLO



AUGUSTO CLARO DA RECA



PARIS — A PARTIDA DO REI D'ITALIA — O ABRAÇO DE DESPEDIDA TROCADO COM MR. LOUBET NA «GAIE» DOS INVALIDOS



## OS NOVOS PEREGRINOS

Por MARK TWAIN, trad. do ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

I

Outra vez no mar.—Os peregrinos todos bem.—O majestoso Stromboli.—A Sicília ao luar.—Seylla e Charybdes.—Falsa o Oráculo.—A sua receita para a paralaxe horizontal.—Contando as ilhas da Grécia.—A antiga Atenas.—Encerrados de quarantena, e segada a permissão de entrar.—Resposta a blocos.—Uma aventura incruenta à meia noite.—Necessidade de uns desviar dos ladres.—Tentativa de arrebatar a Acropole no meio da tempestade.—Não vinga o propósito.—Entre as glórias do passado.—Um modelo de escultura em ruínas.—Visão encantadora.—Logares famosos.—Retrada em boa ordem.—Pressos pelas guardas.—De jornada com apparatus militar.—A salvamento. De novo a bordo.

Cá estamos novamente! Pela primeira vez depois de muitas semanas, toda a família do navio se encontrou e apertou as mãos no castello da proa. Tinham para ali vindo de muitos pontos do espaço e de muitas terras, mas não faltava ninguém; entre todos os compulheiros não se referia nenhum caso de doença ou de morte, que viesse aguar o prazer da reunião. Mas uma voz estavam todos juntos no convex para escutarem a cantilena da marinheira no momento de levantar ferro e de ancorar um ademas á terra, quando largavam de Nápoles. A mesa do jantar os logares estavam todos occupados, as partidas de dominó completas, e á noite a vida e o bulício no lombadillo, é linda luz do luar, eram semelhantes nos dos tempos antigos—tempos antigos que tinham passado havia, semanas apenas, mas semanas tão cheias de incidentes, de aventuras e de excitação que pareciam quasi como se fossem annos. Não faltava alegria á bordo de *Quaker City*. D'esta vez, o seu nome era um nome errado.

A's sete da noite, estando o horizonte occidental todo afogado por ser já sol posto, marcando pontes negras os navios distantes, a lua cheia correndo sobre as nossas cabeças, o azul escuro do mar sob os nossos pés, e um extranho resplendor matizado por todas essas claridades e cores diferentes, que nos rodeavam, os nossos olhos avistaram o soberbo Stromboli. Com que majestade o monarcha erguia a sua fronte solitaria sobre o nível das aguas! Envolvino a distancia, um fulgor purpuro, e tinha um visô de nevoa, que de tal maneira amurçava as suas aspéras feições que nos parecem visto átravez de um tecido de gaze de prata. O seu farol estava extinto, e sopitados os seus fogos; uma alta columna de fogo que se levantava e perdia no luar que la augmentando era o unico signal que dava de ser o vivo anticera do mar e não o espectro de um já morto.

A's duas horas da noite, passámos rapidamente o estreito do Messina, e o luar era tão brilhante que a Italia de um lado e a Sicília do outro nos pareciam quasi tão distinctamente visíveis como se as contemplassemos do meio de uma rua que fossemos atravessando. A cidade de Messina, branca do neve, e toda estrelada e abrilhantada das luzes de gaz, era um bello espectáculo. Uma grande parte dos nossos estava sobre o convex fumando e fazendo barulho, á espera de ver o famigerado Seylla e Charybdes. E logo o Oráculo se apresentou com o seu eterno oculto de ver ao longo, arrojando no convex, qual outro Colosso de Rhodes. Foi uma surpresa velo cá por

fôra a tuas horas. Ninguém suppunha que elle se importasse alguma coisa com uma antiga fabula, como a de Seylla e Charybdes. Um dos rapazes disse-lhe:

—Ora, doutor, que fazes por aqui levantando a esta hora da noite? Que ves importra ver este logar?

—Que me importa ver este logar? Maneebo, pouco me conheceis, se não tal pergunta me não farieis. De-sejo ver todos os logares mencionados na Biblia.

—Tolice—este logar não vem mencionado na Biblia.

—Não vem mencionado na Biblia!—Serie? Pois bem, então que logar vem a ser, visto que sabeis tanto d'elle?

—Ora, é Seylla e Charybdes.

—Seylla e Cha... — que confusão a minha! Pensava que era Sodom e Gomorra.

Metten o oculto no estajo e foi para baixo. Essa versão é a de bordo. A sua plausibilidade é um tanto destruida pelo facto de que o Oráculo não era um leitor da Biblia, e não empregava muito do seu tempo em se instruir das localidades das Escripturas. Dizem que o Oráculo se queixa, com este tempo quente, de que a unica bebida suportavel que ha a bordo é a manteiga. E' claro que elle não allude á manteiga, mas como ella, agora que não temos gelo, permanece em estado de dissolução, faz gosto attribuir-lhe um dito acertado, seja porque fór, uma vez na sua vida. Disse elle, em Roma, que o Papa era um aneioo venerando, mas que não cuidava muito da sua vida.

De profissão o Oráculo é charlatão; e, por consequencia, uma illimitada ignorancia constitue o seu mais valioso dote. Visto elle não saber nada, mas pretender saber tudo, não é raro a bordo propoheo questões difficeis para ver a seriedade com que elle procederá para as resolver. O outro dia o pequeno Harry, filho do capitão, tocou a phrase *parallaxe horizontal* no decurso dos seus estudos de nautica. Pareceu-lhe que seria um bom assumpto para o Oráculo. E foi ter com elle e disse-lhe:

—Doutor, o que é bem para uma paralaxe horizontal?

—Parallá... lá—O quê?

—Parallaxe horizontal. Um dos marinheiros do castello de proa apañou-a, e está muito mal.

—Parallaxe horizontal—(esfregando a cabeça)—parallaxe horizontal. Olha lá, Harry, para que diabo me vens cá apouquitar com os teus marinheiros do castello de proa? En não tenho nada que ver com elles. Porque te não agarras ao medico do navio?—E' a sua obrigação.

—Não ha duvida; mas estive com elle e elle diz que não sabe coisa nenhuma a esse respeito.

—Fem, calcule que é isso. Calcule que é isso. Sempre de uma banda para outra, por todo o navio, a criticar os que lhe são superiores—escarnecendo de quem a dormir sabe mais do que elle acordado.—Parallá... lá—Harry, en te digo o que has de fazer. Pega em tres vasos dar a essa creolina quatro colheres, das de sopa, cheias de lantano, para elle decair, e pespegala nas costas um emplastro de mostarda, do tamanho de um sellim, para elle despertar, e calcule que lhe ha de fazer bem. *Actividade*—a idea é essa. *Actividade*. O homem tem prisão do sangue, e o que elle precisa é de alguma coisa que o esporte e o leve arriba! Nada de perder tempo, Harry. Dê-lhes para baixo nas parallaxes horizontaes, que ellas hão de sempre apoucar um filho de Deus, quando a sação lhes seja propicia.

Passámos um dia aprazivel, costeando as ilhas da Grécia, muito montanhosas, cuja cor dominante é o cinzento e o castanho, tirante a vermelho. Pequenas aldeias brancas, cercadas de arvoredo, smidas nos vales, ou empoleiradas nos altos rochedos perpendiculares.

Tivem um rico pôr do sol—uma bella cor scarmina-

da que tingiu o céu occidental e arremessou até lá muito longo no mar um brilho rubro.—Um lindo pôr do sol parece raro n'esta parte do mundo—ou, pelo menos, notavel. E' meigo, sensual, amavel—exquisito, requintado, efeminado, mas não vimos ainda aqui nenhum que se assemelhe ao esplendoroso incendio que flameja na esteira do sol, quando elle se afunda nas altas latitudes septentrionaes.

Mas o que valia para nós o pôr do sol, com a forte excitação que sentiamos de nos approximar das mais formosas cidades! Que se nos dava de visões exteriores, quando Agamemnon, Achilles e mil outros heroes do grande passado deslissavam n'uma procissão phantastica átravez da nossa imaginação? Que nos importava o pôr do sol, a nós, que estamos proximos de viver, respirar e andar na Athenas da actualidade; sim, e remontar longo nos seculos decorridos, e invocar os escravos, Diogenes e Platão, na praça publica do mercado, ou converter com outrem a respeito do cerco do Troia ou dos esplendidos feitos de Marathon? Rimo-nos de pensar no pôr do sol.

Chegámos e entrámos finalmente no antigo porto do Pireu. Deitámos ferro a meia milha de distancia da aldeia. Muito alto, átravez da ondulante planície da Attica, podia vê-se um pequeno outeiro, com uma esplanada no alto, e sobre ella alguma coisa que os nossos olhos em breve descobriam ser os edificios arruinados da cidadella dos atthenienses, e, sobresahindo entre elles, avultava o veneravel Parthenon. Tão excepcionalmente clara e pura é esta atmosphera que todas as columnas da nobre estrutura se distinguem com o oculto, e até as ruínas mais pequenas que lhe estão em volta assumiam alguma semelhança de forma. Isto a distancia de cinco ou seis milhas. No valle, perto da Acropole (o outeiro com uma esplanada no alto, de que acima falámos) a propria Athenas vagamente se podia aperecer com um oculto ordinario. Todos estavam ansiosos para saltar em terra e visitar esses logares classicos e mais depressa possível. Terra nenhuma que tivessemos visto até então despertara nos passageiros um interesse tão universal.

Recoberamos, porém, noticias mais. O commandante do Pireu chegou n'um escalor e disse que ou deviamos partir ou então sair do porto e ficar encerrados no nosso





navio, debaixo de rigorosa quarentena, por espaço de onze dias! De maneira que levantámos ferro, e fomos para fora, para ficar doze horas, pouco mais ou menos, a recolher mantimentos, e partir depois para Constantinopla. Foi o mais amargo desgano que jamais experimentámos. Permanecer um dia inteiro à vista da Acropole, e, todavia, ser obrigado a sair sem visitar Athens! Desenganar ainda não é termo bastante significativo para descrever a situação.

No crevez, durante toda a tarde, havia em todas as mãos livros, mappae e oculos, que tentavam marcar onde era a Acropole, o Pnyx, o Musen e outros monumentos. Recolheamos dados confusos. A desenhão tornou-se acalorada, e a companhia deu largas ao espirito. Ecclesiásticos passavam de commoção deante de um monte que elles diziam ser o mesmo d'onde S. Paulo pregou, enquanto outra secção pretendia que aquillo monte era o Hyrnatho, e outra que o Pentelico! Passada aquella baralha, só pudemos ficar seguros de uma coisa—o anteocho com a esplanada no alto era a Acropole, e a grandiosa ruína que o coroava era o Parthenon, cujo desenhão todos vimos na infancia nos livros escolares.

Perguntávamos a todos os que se approximavam do navio se havia guardas no Pnyx, se as suas ordens eram muito apertadas, e que probabilidades haveria de captura se qualquer de nós se escapulisse para terra, e no caso de se arriar a isso e fosse preso, o que seria provavel que nos succedesse. As respostas foram desanimadoras—havia uma guarda ou força de policia importante; o Pnyx era uma cidade pequena, e qualquer estrangeiro que lá fosse visto despertaria sem duvida a attenção—a captura era certa. O commandante disse que o castigo seria pesado; sendo inquirido, pesado até que ponto? respondeu que seria muito severo—foi tudo o que pudemos tirar d'elle.

A's onze horas da noite, quando a maior parte da gente a bordo estava recolhida, quatro de nós safámos-nos suavemente para terra n'um pequeno escaior, favorecidos na nossa empresa por uma lua entre nuvens, e partimos dois a dois, muito separados uns dos outros, por sobre um pequeno anteocho, com o fio de irmos de roda do Pnyx, para ficarmos fora de alcance da policia. Abrindo o nosso caminho tão furtivamente sobre aquella eminencia rochosa e chota de ortigas, saltou-me a impressão muito forte de que lá de alguma maneira furtar qualquer coisa. O meu proximo camarada e eu falámos em voz baixa acerca das leis da quarentena e das suas penas, mas não achámos nada agradável este assumpto. Em estava decidido. Poucos dias antes, conversando com o capitão, havia-me este referido o caso de um homem que naufragou para terra de um navio que estava de quarentena não só omdo, e esteve preso durante seis mezes. Tambem me disse que, achando-se em Genova, ha alguns annos, o capitão de um navio em quarentena dirigiu-se no seu escaior a uma embarcação que sabia e já estava afastada do porto, e entregou uma carta para ser levada á sua familia; as autoridades retyvoram-no por esse motivo tres mezes na cadeia, e depois mandaram-no no seu navio pelo mar fora, e avisaram-no de que nunca mais em sua vida se apresentasse n'aquelle porto. Este genero de conversação não fazia bem, além de dar um triste interesse á nossa expedição com rompimento de quarentena, e por isso a deixámos. Demos a volta inteira á cidade, sem ver alma viva, e não se viu um homem que nos mirou com curiosidade, mas não disse nada, e estendidas a dormir no chão deante das portas umas doze pessoas, por entre as quaes andámos sem ellas acordarem—mas acordámos bastantes cães, verdade seja—tinhamos sempre um ou dois a ladrar-nos aos calcabares, e por diversas occasiões chogámos a contar dez e doze de uma vez. Faziam tamanha bulha que algumas pessoas de bordo do nosso navio disseram que haviam podido seguir a direcção que tomavamos e dizer onde íamos pelo ladrar dos cães. A lua outro myens favorece-nos sempre. Quando tinhamos dado a

volta inteira, e passavamos por entre as casas no extremo da cidade, a lua brillou com muito esplendor, mas então já não nos arreceavamos da claridade. Ao approximarmos-nos de um poço, perto de uma casa, para bebermos uma gotta de agua, o dono relançou a vista por nós, e recolheu-se, deixando á nossa disposição a tranquillidade almorecida. Aqui o registro com orgulho, sem contuldo tor feito nada para isso.

Não descurvando caminhos nenhuns, tomámos um alto monte á esquerda da distante Acropole por marcos, e encaminhámo-nos em direitura para elle por cima de todos os obstaculos, e sobre um pequeno tracto de terreno mais escabroso do que existe em qualquer parte para além do Estado de Nevada, talvez. Parte do caminho estava coberto de setos soltas—pisámos sois de uma vez e todos rolávamos. Outra parte d'elle era terra ressequida, solta, lavrada do fresco. Ainda outra parte era uma longa extensão de vinhas rasteiras, entrançadas e incómodas, que nós tomámos por armadilhas. A planície attica, pondo de parte as vinhas, era deserto estéril, triste, sem nenhuma possessão. Pasmou de que seria nos annos tempos da Grecia, quinhentos annos antes do Christo!

Corra da uma hora da madrugada, quando estavamos quentes por termos caminhado depressa, e mortos de sede, Dionysio exclamou:—Olá! estas plantas são vinhas!—e não eram passados cinco minutos já nós tínhamos uma vinha cachos de uvas verdes, brancas, douradas, e nos estavamos abaixando em esta de mais, quando um valto negro surgiu mysteriosamente d'entre as sombras e disse:

—Olá!—D'esta sorte nos retirámos. D'alí a dez minutos íamos por uma bella estrada, e ao revoz de algumas outras em que tínhamos tropeçado com intervallos, seguia em linha recta. Fomos por ella adiante. Era larga, macia e branca—bomita e em bom reparo, e sombreada de um e do outro lado com filas de arvores e tambem com luxuriantes vinhas. Por duas vezes entrámos e furtámos uvas, mas, da segunda vez, algum de algum ponto invisivel disparou contra nós um tiro. Pelo que nos retirámos. E não quizemos mais saber de uvas d'aquelle lado de Athens.

Deatto em pouco esbarrámos com um antigo aqueducto de pedra, construido sobre arcos, e d'alí por deante não tivemos em termo de nós sendo ruínas. Tocavamos o termo da nossa jornada. Agora não podíamos ver a Acropole nem a alto monte, e eu precisava de ir pela estrada até me achar em frente d'elle, mas os outros dominavam-me, e nós estávamos a subir o pedregoso outeiro que estava mesmo defronte de nós—e do seu cume vimos outro—galgámos e avistámos outro! Foi uma hora de trabalho exhaustivo. Em breve fomos dar com uma correnteza de sepulturas abertas, cortadas na rocha firme—durante algum tempo uma d'ellas serviu de carcere de Socrates)—passámos em volta do hombro do monte, e a cidadella, em toda a sua arruinada magnificencia, se patenteou por cima de nós! Aproximamo-nos a atravessar o barranco, subindo por um caminho tortuoso e quedámos-nos na velha Acropole, com as prodigiosas muralhas da cidadella a pomparem sobre nossas cabeças. Não nos debíammos a examinar os seus arcos massivos de marmore, nem a medir a altura d'ellos, nem a observar a sua espessura, mas passámos immediatamente por uma extensa archeda, semelhante a um túnel de caminhos de ferro, e fomos directos á porta que dá entrada para os antigos templos. Estava fechada! Por maneira que, ao cabo de centas, pareceu que não nos era dado ver o grande Parthenon face a face! Tornando um angulo da muralha, deparoumo-nos num bastião baixo—de oito pés de altura para a banda de fora—de dez ou doze para dentro. Dionysio preparou-se para o escalar, e estavamos promptos para o seguir. A poder de trepar com muita difficuldade, attingiu elle finalmente o cimo, mas algumas pedras soltaram-se e cahiram com estrondo no recinto interior. Houve immediatamente um bater de portas e ouvimos um tiro. Dionysio despendeu-se da muralha a um apice e retirámos em desceendo para a porta. Xerxes lançou essa formidavel cidadella quatrocentos e oitenta annos antes de Christo, quando os seus

cinco milhões de soldados e combatentes e acompanharam á Grecia, e, se nós, quatro bandidos, pudéssemos estar mais cinco minutos sem nos molestarem, talvez-nos tomado tambem.

A guarda tinha saído—quatro gregos. Gritámos á porta, e ellos recolheram-nos. (Suborno e corrupção.)

Atravessámos um vasto pateo, entrámos uma grande porta, e achámo-nos sobre um pavimento do mais puro marmore branco, profundamente gastado pelas passadas. Deante de nós, no resplendente luar, erguiam-se as mais nobres ruínas que jamais contemplámos—os Propylæus; um pequeno templo de Minerva; o templo de Hercules, e o grande Parthenon. Estes edificios foram todos construidos do mais branco marmore pentelico, mas agora tem uma pequena nodosa cor de rosa. Todavia, onde qualquer parte está partida, a fractura dá a lembrar fino assucar em pedra. Seis cariatidas ou mulheres de pedra, voltadas em voses escorridas, enstentam o portico do templo de Hercules, mas os porticos e as columnatas das outras construccões são compostas de massicos pilares doricos e jonicos, cujas estrias e capitulos estão ainda razoavelmente perfectos, apesar dos seculos que lhes tem passado por cima e os céros que tem atirado. O Parthenon, primitivamente, tinha duzentos e vinte e seis pés de comprimento, com do largura e altura de altura, havia n'elle duas filas de grandes columnas, oito em cada, na extremidade de uma e de outra, e simples fileiras de dezesseite por cada um dos lados abaxo, e era dos mais airozos e bellos edificios que jamais se erguiu.

Ainda está do pé a maior parte dos imponentes columnas do Parthenon, mas o tecto desapareceu. Estava completo, ha duzentos e cincoenta annos, quando uma bomba cahiu no deposito venoziano que lá havia, e a explosão que se seguiu arruinou e levou-lhe o tecto. Ponce me recordo de Parthenon, e apresentei um ou dois factos e desenhos para uso de outras pessoas, com breves memorias.

Quando caminhavamos meditativos ao longo do pavimento d'esse templo majestoso, o scenario que nos rodeava era extraordinariamente commovedor. Aqui e allí, e em extravagante profusão, havia deslustrantes estatuas de homens e de mulheres, apiladas contra pedacos de marmore, umas sem braços, outras sem pernas, outras sem cabeças—mas todas com triste aspecto ao luar, e notavelmente humanas! Erguiam-se e encravavam de todos os lados no intruso da meia noite—flutuavam com olhos de pedra, de recantos e recessos desprezibidos; miravamos do cima de montões de fragmentos pelos tristes corredores adiante; impediam-lhe o caminho no meio do forum, e do sagrado templo lhe indicavam com os braços sem mãos por onde devia ir; e atravez do templo sem tecto a luz espreitava cá para baixo, e unia o pavimento e sombreava os dispersos fragmentos e as estatuas partidas com as sombras obliquas das columnas.

(Continua.)





BARÃO DO JARDIM DO MAR  
Fallecido em 21 de outubro



MÃE DO EX. SR. CONSELHEIRO CAMÕES  
HENRIQUES  
Fallecida em 21 d'outubro.



CARLOS JORGE  
Antigo fazenda da magistratura,  
Fallecido em 21 de outubro



ENGENHEIRO HENRIQUE HOWELL  
Fallecido em 21 de outubro

## CHRONICA MUNDANA

*L'ennui naquit un jour de l'uniformité*; a esta maxima poderíamos oppôr que, se *elle* nasceu da uniformidade, é provavel que cedeja agora bem morto, porque nunca a diversidade se impoz tanto como actualmente, em todos os elementos de luxo e de elegancia, mórmente no que respecta à *toilette* feminina.

Varias reflexões nos acodem ao espirito, pensando no mercantilismo que tinham as nossas avós em parecer bem, n'aquelles singelos tempos em que a moda era *moda*, unica e exclusiva, para velhas e moças, altas e baixas, morenas ou alvas; em que os cabellos lisos e chistos, os rostos frescos e juvenis desappareciam debaixo de enormes chapéus com abas em forma de imbuol; em que os bustos se relevavam em corpos insolitos e tudo se tapava, finalmente, com um capoteado ao tornozello, altura normal do vestido!

Es, contudo, são as modas de 1830 que em parte vemos resaltar na *silhouette* moderna, mas modificadas, alteradas, variadas com toda a phantasia, o requinte e por vezes a excentricidade da arte moderna.

Para os moralistas o luxo é fonte de desgraça, de perdição e de ruína; assim será, desde o momento em que se tenha a hesitância de querer viver no torvelinho das elegancias e divertimentos sem calculo nem equilibrio; encorajando, porém, a medalha por outra face, podemos considerá-lo como um *derivative* para os cofres pliothoricos dos milhoenários, e pensar que, para satisfazer o appetito e as extravagancias d'esse

seco-preto do ouro, se criam e alimentam muitas artes e industrias de que vivem milhares de operarios.

Mas entremos no assumpto da nossa chronica e penetremos ao acaso n'um salão elegante, em noite de baile; começa por deslumbrar-nos a decoração, totalmente isenta das velhas formulas rigidas, pantufas e correctas; os móveis são differentes de forma e de cor; os lustros banes, as placas symmetricas são substituidas por candelas de lampadas electricas, que fulgorem como estrellas multicores por entre massicos de fets, avencos, palmeiras, azulejos, orchideas e rosas; a attondora orchestra ou o estafelho piano desappareceram para dar lugar a um primeiro, aos segundos, são suggestivos e harmoniosos, que nos convidam docemente no revolver das valsas! As mulheres, rainhas d'essas festas, estão alli no seu elemento. Algumas com os seus perfis de deusas, feições puras e classicas, cabelos ondulados e escuros, apparecem envidos em sedas preciosas, e n'os tempos quentes de umbar e rubim se harmonissem com as suas magestosas figuraz; outras, finas como estatuetas de Saxo, de rostos frescos, emoldurados n'uma aureola de cabellos de ouro, voltam entre nuvens de gaze, tulle e rendas, parecendo de tomar a vôo para regiões ethereas. As menos juvenis, opulentas nos seus vestidos de velludo

enorme na altura do cotovelo, outras são lisas e abertas em dois bicos, semelhando aas; a *gaze micron*, o *voile* de seda e o *tulle-paillette* de lantejoulas em celluloido com reflexos de madreperola são a ultima palavra de elegancia para os vestidos transparentes.

Nas sedas possadas tem a primadonia e n'umissimo setim de Genova, com flores de velludo sobre o bento, recamadas de brillantes.

Escutando será dizer que as jolas antigas, assim como as modernas, são ricas e artisticas, não o accessorio obrigade de tão sumptuosas *toilettes*.

FIG. 1.— Vestido de *tulle* branco, bordado a copigas do ouro e medallhões de renda profa em forma de plumas *draperies* de mangas em *ma n'esselle* de seda preta; fundo da *toilette* em seda verde pallido.

FIG. 2.— Vestido de baile em *tulle* rosa bordado de *paillettes* nacres e perolas; ramos de rosas e ruclos cor de rosa.

FIG. 3.— Vestido de baile, em setim de Genova, preto, com ramos sombreados de diversas cores e *paillettes* pretas *tristes*. Grande cabeção *Berthe* em *Point d'Angleterre*.



FIGURA 2

ouso e grandes cabeções de rendas antigas, fazem-nos lembrar os preciosos retratos da Van-Dyck, Rembrandt e Velasquez.

Os decotes são baixissimos; as mangas só começam abaixo do hombro e o corpo mantense na posição devida por meio de fitas ou flores formando *brustelles*; as mangas curtas estão um tanto em desuso; algumas tem em cima uma *draperie*, que termina por um *bonfant*



FIGURA 3

tes e industrias de que vivem milhares de operarios.



O MERCADO GERAL DE QUELIMANE

UMA FRITORIA NO INTERIOR DE QUELIMANE